

108

RESENHA

THE ARCHAEOLOGY  
OF ENVIRONMENTAL  
CHANGE –  
SOCIONATURAL  
LEGACIES OF  
DEGRADATION  
AND RESILIENCE.

Editado por: Christopher T. Fisher, J. Brett Hill, and Gary M. Feinman.  
University of Arizona Press, 2009.  
[alineap@unicamp.br](mailto:alineap@unicamp.br)

Resenha por Aline Carvalho, Pesquisadora – Arqueologia Pública.  
Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (Nepam) – Unicamp.

Podemos compreender o livro *The Archaeology of Environmental Change - Socionatural Legacies of Degradation and Resilience*, editado pelos pesquisadores Christopher T. Fisher (professor associado de Antropologia da Universidade do Estado do Colorado), J. Brett Hill (desde 2002 vinculado ao Centro de Arqueologia do Deserto), e Gary M. Feinman (Curador do Museu de História Natural de Chicago e coeditor do *Journal of Archaeological Research*) como uma referência singular para os estudos das sociedades em tempos de alta modernidade.

Apesar do termo não ser usado pelos editores, ele nos permite compreender um contexto geral da produção da obra. Alta modernidade, como definido no livro *Modernização Reflexiva* (Beck; Giddens and Lash 1995), demarca um tempo de co-existência de mundos que enfrentam a oportunidade e o perigo equilibrados em igual medida. Assim, no contexto da alta modernidade seria possível a coexistência de pesquisas de melhoramentos de sementes - que tornariam mais produtivas as plantações -, a fome e a extinção de espécies de plantas geradas pelas mudanças climáticas. A inovação e a criatividade estariam sem-

pre permeadas pelos erros e desastres, muitas vezes gerados pela pressa desmedida dos próprios seres humanos por resultados.

Dentro dos estudos ambientais acredita-se que a existência de uma sociedade de risco, própria da alta modernidade, impõe aos mais variados setores sociais a necessidade de ponderações acerca da escala global de nossos problemas e de suas soluções, das relações entre homens/ natureza e, por fim, das estruturas e o funcionamento das políticas públicas. Neste contexto geral, podemos afirmar que o livro *The Archaeology of Environmental Change* busca respostas para as complexas conexões entre a saúde do ambiente e das dimensões sociais existentes no planeta terra (p.02).

De forma específica, as motivações para a organização da obra encontram-se nos freqüentes desastres ambientais que temos assistido no século XXI. Como os editores (e expressiva parcela dos autores) se inserem em um contexto americano, podemos destacar o caso do furacão Katrina como alavanca para a produção do livro. Para os editores, o Katrina não deve ser compreendido como uma simples fúria e manifestação da natureza, mas, ao contrário, como um de-

sastre vinculado às ações humanas; uma prova incontestável das interações entre as decisões humanas, as mudanças ambientais e as conseqüências em múltiplas escalas (p.03). O desastre foi gerado por uma conjunção de fatores – humanos e naturais – que configuraram suas dimensões políticas e sociais trágicas (pp. 1-5).

Frente aos contextos gerais e específicos, pensar os desastres ambientais e as relações entre os Homens e o Ambiente torna-se um imperativo e, principalmente, uma questão política. A proposta dos editores é destacar a potencialidade e a responsabilidade da Arqueologia nestes debates, bem como contribuir para a formulação de uma linguagem comum para os estudos ambientais. De forma clara, os editores almejam dissolver a dicotomia entre natureza e cultura, própria ao pensamento ocidental (p. 08). Vão, portanto, além da Arqueologia da Paisagem e propõem uma Arqueologia do Ambiente.

Esta Arqueologia do Ambiente, presente na obra, é proposta por editores que possuem larga experiência na construção de diálogos que ultrapassam o campo das ciências naturais e localizam-se, também, no campo das ciências humanas; rompendo tradições acadêmicas marcadas pela extrema especialização científica, em curso desde o século XIX. Além da valorização da interdisciplinaridade, podemos destacar como marca dos editores a realização de investigações e análises que permitem a construção de comparações entre situações vivenciadas no presente com aquelas investigadas no passado. Esses pilares teóricos embasam os trabalhos de campo dos editores, marcados por recortes cronológicos e geográficos variados.

A valorização do novo lugar científico,

formado pelos diálogos entre as ciências, e das relações entre o passado e o presente se estende ao corpo de autores que foram escolhidos para participarem do livro. Os capítulos trazem os resultados de pesquisas arqueológicas realizadas na América do Norte, Mesoamérica, Europa, África e Oriente Médio, com ponderações sobre fenômenos como adaptação, intensificação, sistemas naturais, degradação, crise ambiental, sustentabilidade, colapso, e determinismo ambiental. Esses conceitos, reconstruídos a partir de diferentes disciplinas, são ordenados pelos editores a partir de três eixos temáticos: 1) Novos quadros interpretativos; 2) Explicações multi-dimensionais; e 3) Novas respostas para questões antigas. Ao final da obra, tem-se uma narrativa coerente que almeja traçar um novo contorno para os Estudos Ambientais e, em especial, para as potencialidades da Arqueologia nesse campo.

O primeiro eixo é formado pelos capítulos: 1. “The Resilience of Socioecological Landscapes: Lessons from the Hohokam”, por Charles L. Redman, Margaret C. Nelson, and Ann P. Kinzig; 2. “What Is an “Environmental Crisis” to an Archaeologist?”, escrito por Sander E. van der Leeuw; e 3. “Beyond Sustainability: Managed Wetlands and Water Harvesting in Ancient Mesoamerica”, produzido por Vernon L. Scarborough. Com autores vinculados a instituições de pesquisa norte-americanas, inglesas e francesas, esse conjunto de capítulos dedica-se à discussão de conceitos como o estado contemporâneo da interdisciplinaridade, as potencialidades da teoria da resiliência, as significações de crise ambiental e, por fim, problematiza as relações entre tecnologias e as soluções ambientais no passado e no presente.

O segundo corpo de narrativas é composto pelos capítulos: 4. “Creating a Stable Landscapes: Soil Conservation and Adaptation among the Ancient Maya”, por Nicholas Dunning, Timoth Beach, Sheryl Luzzadder-Beach, and John G. Jones; 5. “Farming the Margins: On the social causes and consequences of soil-management strategies”, de Tina L. Thurston; 6. “The Human-Wildlife Conundrum: A view from East Africa”, produzido por Chapurukha M. Kusimba; and 7. “What Difference Does Environmental Degradation Make? Change and Its Significance in Transjordan”, de J. Brett Hill. Neste conjunto de capítulos, são exploradas as relações entre as práticas humanas que resultam na alteração ativa das paisagens (como a agricultura, caça, produção de mentais, entre outro) e, portanto, geram mudanças dos ambientes, com correspondentes elementos culturais.

Por fim, o terceiro eixo é constituído por: 8. “The Earliest Residents of Cyprus: Ecological Pariahs or Harmonious Settlers?”, de Alan H. Simmons; 9. “Social Changes Triggered by Younger Dryas and the Early Holocene Climatic Fluctuations on the Near East”, por O. Bar-Yosef; 10. “Abandoning the Garden: The Populations/Land Degradation Fallacy as Applied to the Lake Pátzcuaro Basin in Mexico”, escrito por Christopher T. Fisher; and 11. “Hohokam and Pima-Mari-copa Irrigation Agriculturalist: Maladaptive ou Resilient Societies?” de John C. Ravesloot, J. Andrew Darling and Michael R. Waters. A interface dos capítulos localiza-se na valorização da existência de escalas temporais a serem consideradas nos trabalhos arqueológicos, e as relações entre tecnologias, degradações ambientais e desaparecimento de determinadas populações.

O livro tem como conclusão o texto “The Socionatural Connection: Closing Comments”, produzido pelos próprios editores. A conclusão destaca o que, para os organizadores da obra, pode ser considerado como fundamental nos textos apresentados. Para eles, o livro traz à tona pesquisas em ecologia humana de povos da antiguidade, mas, destaca a relevância destes estudos em conceitos relativos aos estudos ambientais da atualidade (p.249), destaca, expressivamente, como a Arqueologia pode lidar com a multiplicidade de significados dos artefatos e do próprio ambiente e refuta noções populares de causa-efeito sobre as relações entre Homens e o Ambiente.

Sem dúvida nenhuma, *The Archaeology of Environmental Change* traz novos parâmetros para se pensar as sociedades atuais e o papel ativo da Arqueologia frente aos problemas ambientais; e, ambientais aqui não se configura como sinônimo de natureza, mas como um complexo conceito que permite os diálogos ativos e indissociáveis entre os seres-humanos e a natureza em uma longa duração.

Sente-se, no entanto, a extrema centralização do livro em vozes americanas ou que dialogam de forma institucional com o contexto americano. Como lidamos com problemas globais, torna-se urgente a constituição de diálogos e a troca de pesquisas e experiências entre as mais diversas localidades do planeta Terra. Abre-se, portanto, espaço para que outras obras como esta e, principalmente, para que pesquisas advindas de contextos geográficos periféricos possam construir novos, complexos e dinâmicos diálogos na busca de reflexões e ações sobre nossa condição ambiental global.